

livros ...

CARRERI, Marcio Luiz. **O socialismo de Oswald de Andrade**: cultura, política e tensões na modernidade de São Paulo na década de 1930. Curitiba: CRV, 2017 (164 p.)



## Prefácio

KÁTIA RODRIGUES PARANHOS\*

*“A gente escreve o que ouve – nunca o que houve”.*  
Oswald de Andrade

O belíssimo trabalho de Marcio Carreri, fruto de sua tese de Doutorado em História, configura-se em uma proposta de análise do pensamento socialista de Oswald de Andrade. Tal proposta assume de forma oportuna as tensões e os conflitos no campo intelectual do modernismo, com clara inflexão marxista a partir dos textos de Antonio Gramsci e Raymond Williams.

O livro aqui apresentado chama a atenção para a historiografia, literária ou historiográfica, que focaliza os estudos sobre Oswald, em geral, apenas no aspecto estético ou ligado às questões de identidade brasileira. No entanto, sua literatura, produção jornalística e militância partidária apresentam aspectos fundamentais para a compreensão de suas relações com intelectuais e políticos e especialmente por representar a sua forma de pensamento socialista.

A perspectiva política do escritor foi pouco considerada e se constituiu, por exemplo, nos embates entre ele e os intelectuais, a partir da firme posição

que tomou em relação ao nascente fascismo brasileiro de Plínio Salgado e a cisão no interior do grupo em torno da *Revista da Antropofagia*, nas discussões sobre o rumo do modernismo, momentos que antecederam a sua proximidade com Pagu e Prestes, figuras importantes para a sua admissão e a sua atuação no Partido Comunista do Brasil, em 1931. Sua filosofia política foi construída com as teias do humor, o fio condutor da expressão do seu socialismo, em meio às batalhas que manteve com a Academia Brasileira de Letras, na Faculdade do Largo São Francisco, com os jornais tradicionais, com Vargas e com o próprio PCB. Não é à toa que Oswald de Andrade causou reações de desaprovação ou simplesmente de um incômodo silêncio, tanto à direita quanto à esquerda.

Estamos diante de um literato consagrado, um militante revolucionário que ousou repensar a relação da cultura com a política e a prática do socialismo. Suas ações foram manifestações emergentes de resistência às práticas e

às idéias dominantes na ordem social existentes em organizações e partidos. O marxismo antropofágico é a síntese socialista de Oswald, que, ainda que tenha sido vivida no período que era membro do PCB, foi formulada antes e continuou presente em suas reflexões após o rompimento com o partido. Nesse sentido, é válido o esforço de situar o autor nas diversas transições, crises e disputas, como estética e política, e social, modernista e revolucionária<sup>1</sup>.

O texto está estruturado em quatro seções: Oswald e as experiências da modernidade em São Paulo, a linguagem oswaldiana, o socialismo de Oswald de Andrade e *O Homem do Povo* e o PCB. Em cena: a cidade das letras, São Paulo e suas contradições, as ruas, os bondes, os teatros, os cinemas, as livrarias e os outros lugares culturais. Nos escritos desse modernista, inconformado com a chamada ordem natural das coisas, são constantes as pitadas de humor, de transgressão, a procura incessante por uma linguagem coloquial. Por sinal, são memoráveis os verbetes do *Dicionário de bolso*: “Marx

– esquina da história” / “Freud – diretor espiritual da burguesia” / “Ford – criador e experimentador do neologismo ‘forder-se’” / Mussolini – macarronada com sangue”.

Numa narrativa fluida, o texto (re)apresenta o socialista antropofágico entre o modernismo, a atuação no PCB e a edição de um periódico marxista. Um trecho de um poema de Paulo Leminski lembra um pouco a verve do “homem sem profissão”, morto em 22 de outubro de 1945, “para a liberdade e luta me enterrem [...] na cova comum dos idealistas onde jazem aqueles que o poder não corrompeu”.

Tal opção significa, portanto, eleger também outros modos de entender a trajetória de um escritor dentro de uma tradição cultural, e ainda tentar compreender como se deu o silenciamento de práticas não coincidentes ou não aceitáveis por essa tradição. Ir atrás do “não lugar”, lembrando Michel de Certeau, introduzir o leitor, como ator, em outro(s) cenário(s), eis aqui o sedutor convite de Marcio Carreri.

---

\* **KÁTIA RODRIGUES PARANHOS** é professora do Instituto de História e do Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal de Uberlândia. Pesquisadora do CNPq e da Fapemig.

<sup>1</sup> Um autor não é uma ilha, vivendo sob regime de clausura, desconectado da intrincada teia de relações que a todos nos envolve. Afinal, “o que é um autor” senão o resultado do seu “apagamento”? Tal indagação, de inspiração direta em Michel Foucault, recoloca os sentidos da criação individual no contexto social.